



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**OS TEXTOS LITERÁRIOS EM LIVROS DIDÁTICOS  
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

FRANCISCA JANAÍNA DA SILVA OLIVEIRA

CATOLÉ DO ROCHA- PB  
2012

**FRANCISCA JANAÍNA DA SILVA OLIVEIRA**

**OS TEXTOS LITERÁRIOS EM LIVROS DIDÁTICOS  
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes

Catolé do Rocha – PB  
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE CATOLÉ DE ROCHA – UEPB

O48t Oliveira, Francisca Janaína da Silva.  
Os textos literários em livros didáticos de língua portuguesa. / Francisca Janaína da Silva Oliveira – Catolé do Rocha, PB, 2012.  
26 f.

Trabalho Acadêmico Orientado (Graduação em Letras)  
– Universidade Estadual da Paraíba, 2012.

Orientação: Prof<sup>a</sup> M.Sc. Marta Lúcia Nunes,  
Departamento de Letras e Humanidades.

1. Ensino. 2. Literatura. 3. Livro didático. I. Título.

21. ed. CDD 371.2

**OS TEXTOS LITERÁRIOS EM LIVROS DIDÁTICOS  
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

BANCA EXAMINADORA

*Marta L. Nunes*

---

**Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes** – UEPB/CAMPUS IV  
Orientadora

*Maria Fernandes de Andrade Praxedes*

---

**Profa. M.Sc. Maria Fernandes de A. Praxedes** – UEPB/CAMPUS IV  
Examinadora

*Francisco Vieira da Silva*

---

**Prof. M.Sc. Francisco Vieira da Silva**  
Examinador

APROVADO EM: 26 de novembro de 2012.

Catolé do Rocha  
2012

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	06
<b>CAPÍTULO I: O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA</b>	07
1.1 - Contrapontos no ensino de literatura	07
1.2 - O texto literário em sala de aula	10
<b>CAPÍTULO II: A LITERATURA EM LIVROS DIDÁTICOS</b>	13
2.1- O livro didático de Língua Portuguesa	13
2.2 - Análise dos livros didáticos	15
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	23
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	24

## RESUMO

Este trabalho, de caráter bibliográfico, tem como objetivo refletir sobre a prática do ensino de literatura em sala de aula, bem como o seu papel no processo de ensino aprendizagem do educando. Ressalta ainda, a importância do professor como um mediador e orientador na formação de sujeitos leitores e discute o ensino de literatura fundamentado apenas no estudo das escolas literárias, da história da literatura, obra e vida dos autores. Como objeto de estudo foram selecionados dois livros didáticos de Língua Portuguesa do 3º ano do Ensino Médio publicado por editoras diferentes para se proceder a análise comparativa. Portanto, o método adotado para a análise do referido objeto de estudo foi o comparativismo e a fundamentação teórica do trabalho foi realizada com base nos estudos de Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Glória Bordini (1988), Lígia Chiappini (2005), Ivanda Martins (2006) entre outros.

**Palavras-chave:** Literatura. Livro Didático. Ensino.

## ABSTRACT

This work, bibliographical, aims to reflect on the practice of teaching literature in the classroom, as well as its role in the teaching-learning process of the student. It also highlights the importance of the teacher as a mediator and counselor in training subjects readers and discusses the teaching of literature based only on the study of literary schools, the history of literature, life and work of the authors. As an object of study was selected two textbooks Portuguese Speaking of the 3rd year of High School published by different publishers to undertake comparative analysis. Therefore, the method adopted for the analysis of that study object was the comparativismo and theoretical work was based on studies of Vera Teixeira de Aguiar, Maria da Glória Bordini (1988), Ligia Chiappini (2005), Ivanda Martins (2006) among others.

**Keywords:** Literature. Guided book. Teaching.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho, de caráter bibliográfico, consiste na análise comparativa entre dois livros didáticos de Língua Portuguesa. Para tanto, enfatizamos a leitura literária, as contribuições para o processo de amadurecimento da criticidade e humanização dos leitores ressaltados por Antonio Candido, assim como a importância de possibilitar aos alunos a percepção do caráter estético do texto literário. Partimos do pressuposto de que os manuais didáticos de literatura, geralmente abordam a literatura apenas como um estudo fundamentado nos movimentos e características literárias, obras que em muito dos casos são apenas citadas, e a vida dos autores, como também, um estudo dos “clássicos” da literatura, que são considerados pelos alunos como distantes de sua realidade.

Para esta análise utilizamos dois livros didáticos de Língua Portuguesa do 3º ano do Ensino Médio, sendo eles: “Português: língua, literatura e produção de textos” (2003) de José de Nicola e Ernani Terra, 1ª edição e Editora Scipione, e “Português: contexto, interlocução e sentido” (2008) de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara, 1ª edição, da Editora Moderna. Considerando que os livros de Língua Portuguesa geralmente estão subdivididos em estudos da literatura, gramática e produção textual, é importante salientar que nesta análise, a comparação foi realizada apenas da parte do livro destinada aos conteúdos de literatura.

Esta pesquisa parte da seguinte problemática: Qual a importância da literatura na formação de sujeitos leitores? Como os livros didáticos abordam o texto literário? Como o professor pode interferir neste processo de ensino aprendizagem e quais alternativas ele pode utilizar visando contribuir para despertar nos alunos a construção de uma nova visão acerca da literatura?. Estabelecemos como objetivo principal: analisar como os livros didáticos abordam o texto literário; e quanto aos específicos: refletir sobre a importância da literatura na formação de sujeitos leitores e discutir a importância da mediação e orientação do professor neste processo.

O trabalho está dividido em dois capítulos: o primeiro intitulado “O ensino de Língua Portuguesa” discutimos o ensino de literatura e o espaço do texto literário em sala de aula, ressaltando o trabalho do professor enquanto mediador e a importância da leitura literária. No segundo “A Literatura em livros didáticos”, procuramos discutir

algumas implicações referentes ao livro didático e analisar como os livros em estudo abordam a literatura e qual a metodologia utilizada.



## **CAPÍTULO I: O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

De acordo com José Wanderley Geraldi (2004), o ensino de Língua Portuguesa deve centrar-se em três práticas: leitura de textos, produção textual e análise linguística. Entretanto, esse ensino deve ocorrer de forma interligada, mas o que se observa pela divisão dos livros didáticos é que a disciplina Língua Portuguesa encontra-se fragmentada, cujos elementos que a constituem são independentes entre si.

Muitas escolas mantêm professores especialistas para cada tema e há até mesmo aulas específicas como se leitura/literatura, estudos gramaticais e produção de texto não tivessem relação entre si. Presenciamos situações em que o caderno do aluno era assim dividido. Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001. p.16).

Conforme Cyana Chiappini (2005) a separação da disciplina Língua Portuguesa em aulas de gramática, produção de texto e literatura ocorreu em 1970, havendo inclusive profissionais para lecionarem cada uma. Porém, o ensino de Língua Portuguesa limitava-se apenas ao ensino da gramática, a preocupação era apenas se o aluno tinha o domínio das regras gramaticais, o que fez com que até os dias atuais, o ensino da gramática (da norma culta da língua) fosse prioridade nas escolas, o que tornou o ensino de língua como algo desconectado da realidade do educando.

O ensino de Língua Portuguesa tem como uma de suas principais funções desenvolver a comunicação, ou seja, a linguagem verbal. “O processo de ensino aprendizagem de Língua Portuguesa, no Ensino Médio, deve pressupor uma visão sobre o que é linguagem verbal”. PCNs (BRASIL, 2001, p. 139). Assim, o ensino de língua deve contemplar o desenvolvimento das habilidades cognitivas, tornando o homem capaz de dominar os diversos signos da língua, sabendo posicionar-se nas diversas situações que a vida em sociedade exige.

### **1.1 Contrapontos no ensino de literatura**

Conforme nos esclarecem Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Graça Bordini (1988), o ensino de literatura teve início no Brasil com os jesuítas, que fundaram os

primeiros colégios, nesta época os autores das obras literárias eram exemplos de como falar e escrever bem. Durante o período republicano, o ensino de literatura passou a fazer parte do currículo das escolas, sob a influência francesa. Estudava-se neste período a biografia dos autores, suas obras e pequenos comentários acrícticos. Porém na década de 60 tudo se modificou, apesar de a literatura francesa ainda exercer forte influência, o texto passou a ser prioridade, acompanhado de sua análise e interpretação.

[...] se caracterizava pela leitura submissa, acríctica e arríctica dos livros didáticos de literatura, ou de apostilhas condensadas, o que acaba por dar no mesmo. Embora a maioria dos programas elaborados por coordenadores bem intencionados falasse em “despertar o aluno para o prazer da leitura”, “desenvolver práticas de leitura e interpretação”, aumentar a sensibilidade e o gosto “estético”, contribuir para a cultura nacional e o desenvolvimento da cidadania, na prática tinha-se uma memorização acelerada, incongruente e banal, voltada para historicidade linear de fatos, destituída de prazer, com pouca leitura, limitada em geral, aos excessos de textos literários pré-selecionados pelos autores dos livros didáticos. (LEAHY, 2004, p. 54).

Percebe-se que o ensino de literatura era algo cansativo e enfadonho, o que afastava ainda mais os alunos da leitura por prazer, o importante era ler todos os cânones da literatura. Um estudo meramente das escolas literárias, da memorização das características de cada movimento literário, de textos que pertenciam ao cânone literário.

Os estudos literários nas escolas brasileiras tinham por eixo as características de cada período, escola, ou movimento, que ditavam a seleção dos excertos modelares. Textos e/os autores que serviam de exemplificação das tais características que eram sumariamente descartadas. (LEAHY, 2004, p. 55).

Apesar de o ensino de língua portuguesa reunir as disciplinas literatura, gramática e produção textual, o ensino da disciplina permanecia como dois campos separados. Atualmente, não se tem propriamente literatura no ensino fundamental, pois a maioria dos alunos tem apenas uma visão superficial a cerca do texto literário, o qual é compreendido, pela maioria, como um gênero textual que serve para estudar gramática, no ensino médio a disciplina é entendida como história literária ou apresentação de autores e obras exigidas nos vestibulares, pois em muitos dos casos, os alunos só têm um pequeno contato com o texto literário quando se é exigido no vestibular, muitos lêem apenas um resumo ou simplesmente uma pequena análise do texto em questão.

As aulas de literatura, atualmente, podem ser classificadas como estáticas, organizadas e sequenciadas de acordo com o manual didático<sup>1</sup>, em que primeiro são apresentados alguns textos, o estudo do vocabulário, em seguida uma atividade de interpretação de texto.

Conforme Leahy (2004), o ensino exagerado da literatura como uma disciplina historiográfica fez com que se esquecesse da leitura. Para Salete Rozzi dos Santos e Cecil Jeanine Albret Zinani (2004, p.63): “A literatura, efetivamente, perdeu seu espaço, uma vez que não há referência, de forma clara e inequívoca, que ofereça indícios da manutenção dessa disciplina”. Faz-se necessário que tanto os professores quanto os autores de livros didáticos estejam atentos para a forma como esta disciplina é ensinada, pois a literatura está intimamente ligada às estruturas cognitivas de interpretação, reflexão, compreensão; competências que possibilitam o amadurecimento do aluno como leitor e ser humano.

Entendendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza. (CANDIDO, 1995, p. 117).

A literatura constitui-se tanto como uma prática social, como uma modalidade de conhecimento, na medida em que se apresenta como um objeto de transformação da realidade social, possibilitando a interação entre os seres humanos e o universo, passando pelas várias influências do agir e pensar de uma sociedade.

Para Santos e Zinani (2004), a literatura funciona tanto como prática social auxiliando na transformação da sociedade; como fenômeno social por representar através do olhar do autor uma realidade que só ele é capaz de perceber e sentir, sendo sua obra um meio para o entendimento de uma problemática social; como modalidade de conhecimento, por possibilitar uma reflexão, esta por sua vez permite

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, utilizamos a expressão “Livro didático” quando nos referimos ao livro de Língua Portuguesa subdividido em Gramática, Literatura e Produção textual, e a expressão “Manual didático” quando nos referirmos ao livro destinado apenas ao estudo da literatura.

o amadurecimento do indivíduo para enfrentar as situações da vida; como disciplina humanística permite ao sujeito a capacidade de ser dono da sua identidade; e como prática discursiva por tornar possível ao sujeito a autoconscientização, sendo ele capaz de refletir sobre os seus atos, este é um dos princípios fundamentais para a construção do indivíduo na sociedade.

Um texto literário representa o retrato de uma sociedade. Para Santos e Zinani (2004, p. 66): “Indiscutivelmente, a literatura é uma parte significativa do patrimônio cultural da humanidade, que precisa ser recuperada e preservada, pois é uma forma de manutenção de uma nação”. De acordo com Santos e Zinani (2004) um texto literário é constituído pelos sentimentos de uma sociedade, ao mesmo tempo em que veicula uma tradição consagrada, estabelece relações com o que ainda vai acontecer, desta forma o texto pode torna-se um elemento da problemática social fazendo o homem refletir sobre os problemas sociais.

É a característica dialógica dessa arte-retrospectiva na medida em que provoca a manutenção da tradição, é prospectiva enquanto indicadora dos caminhos a serem seguidos – que promove o diálogo entre os do presente e com aqueles que serão produzidos. (SANTOS e ZINANI, 2004, p.66).

O aluno necessita compreender a literatura como algo que pode está interligado aos conflitos sociais, que pode retratar o espelho da realidade ou de outras realidades, talvez até fictícias, mas que abordam outros conhecimentos, uma nova “leitura de mundo”, e como uma disciplina que o ajuda a torná-lo mais crítico, compreensivo, capaz de compreender a si mesmo e ao mundo.

## **1.2 O texto literário em sala de aula**

O ensino de literatura deve nortear-se por alguns princípios básicos como: preservação da beleza do texto literário; preocupação em aguçar o senso crítico do aluno; observação dos interesses do leitor. De início o professor precisa se preocupar com a escolha adequada dos textos que podem despertar o interesse dos alunos, para isso é necessário partir de textos mais simples e atuais, aos poucos sugerir outros tipos de leituras que exijam cada vez mais do leitor, aceitando também as sugestões de leituras dos alunos, para que eles também possam

expressar suas opiniões, e que cada vez mais haja possibilidades de troca de informações.

A partir daí, o professor vai sustentar seu trabalho em objetivos mais ambiciosos: não apenas satisfazer os interesses imediatos do público, oferecendo-lhe leituras repetitivas e redundantes, que venham tão somente atender ao gosto, mas aguçar-lhe a curiosidade para textos que representem a realidade de forma cada vez mais abrangente e profunda. (AGUIAR e BORDINI, 1988, p. 25).

No entanto, é necessário que antes de sugerir as leituras o professor tenha lido o texto, isto não significa que a compreensão do aluno deva ser igual a do professor, pois cada indivíduo tem percepções e experiências de vida diferenciadas, mas é importante ressaltar que o aluno deve ter argumentos que comprovem a sua interpretação. “Na leitura, o diálogo do aluno é com o texto. O professor é mera testemunha desse diálogo, é também leitor, e sua leitura é uma das muitas leituras possíveis”. (SILVA, 2004, p. 92).

De acordo com Aquira Osakabe (2004) o ensino de gramática e literatura desempenham diferentes funções, enquanto a gramática “repassa” um conjunto infinito de regras gramaticais; a literatura se constitui como o estudo de obras consagradas. Mas por que a maioria dos professores prefere obras consagradas? Conforme aponta Silva (2004), a preferência se deve ao fato de que eles escolhem os livros que já conhecem; por já terem sido consagrados pela teoria e crítica literária, por acharem que alguns textos são muito complexos para determinadas séries, que tudo deve partir do simples ao mais complexo. Ou simplesmente utilizam os mesmos critérios para a seleção dos livros, que são geralmente os mesmos, ou seja, de acordo os autores, o enredo, o número de páginas e o preço.

Por outro lado, o que se percebe também é que a escolha apenas de textos modernos pode suscitar riscos para o professor. De acordo com Aguiar e Bordini (1988), o trabalho com este tipo de material impede a visão da historicidade da literatura, dos registros linguísticos da época, visto que uma obra representa o comportamento, a cosmovisão e a maneira como a sociedade retratada se comportavam, o que permite ao leitor, reflexões.

No entanto, as atividades de leitura em sala de aula servem apenas como um exercício de interpretação de textos ou um pretexto para se fazer uma produção textual. “Na escola não se leem textos fazem-se exercícios de interpretação e

análise de textos. E isso nada mais é do que simular leituras”. (GERALDI, 2004, p. 90). Outro fator relevante consiste na recusa dos alunos no que se refere aos textos indicados pela escola devido à dificuldade para compreendê-los, por não se identificarem e não estarem próximos de sua realidade. Conforme Aguiar e Bordini, (1988, p. 18): “A familiaridade do leitor com a obra gera predisposição para a leitura e conseqüente desencadeamento do ato de ler”. Escolher as leituras, não apenas literárias, de acordo com as necessidades dos alunos, é um fator favorável, pois quando se tem o interesse por algo, esta atitude parte de uma necessidade, que pode ser: buscar informações ou apenas um momento de entretenimento.

## **CAPÍTULO II: A LITERATURA EM LIVROS DIDÁTICOS**

### **2.1 O Livro Didático de Língua Portuguesa**

No início da década de 70 os livros didáticos de Língua Portuguesa ganharam um novo perfil. Conforme Willian Roberto (CEREJA, 2005, p. 57): “Até então, o material didático mais utilizado nas aulas de Português eram as obras de referências, constituídas por uma gramática, uma antologia de textos literários e, eventualmente, um dicionário”.

Estas obras de referências não se limitavam apenas a uma série, podiam ser utilizadas em casa de maneira individual, na escola com o acompanhamento do professor e por toda a vida escolar dos alunos. Ao contrário dos livros didáticos que se destinam apenas a uma série e a uma disciplina.

Atualmente, o livro didático tem como uma de suas principais funções ser um importante instrumento pedagógico para o processo de ensino aprendizagem. No entanto, este material foi aos poucos ganhando o seu espaço, reduzindo o trabalho do professor, tendo a maioria deles, o entendimento de que ele não teria mais as responsabilidades de planejar aulas e elaborar atividades. No fundo o professor tornou-se um intermediário dos autores dos livros didáticos.

Este material didático tornou-se uma mercadoria fácil de ser produzida, primeiro porque os professores dependem muito deste material, devido sua carga horária elevada, a falta de tempo para planejar e elaborar atividades entre outros fatores, e segundo devido à própria instituição de ensino, que em muito dos casos, aborda o livro como único e exclusivo material didático.

Tendo como uma de suas principais propostas auxiliarem os professores, porém não é bem isso que acontece, pois os livros, geralmente, não estão coerentes ao que se propõem, o que se tem são estudos de movimentos literários, fragmentos de textos com atividades que fogem totalmente a sua interpretação, o seu significado; são perguntas do tipo: a que escola literária pertence determinado texto? Cite as principais características do movimento literário. São questões que não aguçam a curiosidade do leitor, que desconsidera o aluno como sujeito capaz de interpretar, de compreender o que está lendo.

Acreditamos que os manuais didáticos poderão a médio ou longo prazo, apoiar mais satisfatoriamente a formação do leitor da literatura rumo à sua autonomia. Se isso ocorrer, os livros didáticos deverão manifestar sua própria insuficiência como material propício para a formação plena de leitores autônomos da Literatura, ao incluir, nas suas propostas didáticas, a insubstituível leitura de livros. Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2008, p. 64).

De acordo com Bezerra (2005) através de estudos sobre língua, ensino/aprendizagem e letramento, o MEC, a partir da última década do século XX, definiu para os manuais didáticos algumas mudanças em seus conteúdos, entre elas, está a implantação de diversos gêneros textuais, porém isso não contribuiu para que o ensino de gramática perdesse a sua prioridade, pois os textos continuam sendo utilizados como um pretexto para ensinar a nomenclatura gramatical.

[...] a literatura sofre um processo de escolarização, tornando-se alvo de discussões sobre como trabalhar o texto literário sem torná-lo pretexto para o ensino-aprendizagem de outras questões, como, por exemplo, algumas noções gramaticais. (MARTINS, 2006, p. 83).

A maioria das questões apresentadas pelos manuais didáticos não incentivam no aluno o interesse pela percepção do caráter estético. No entanto, o texto literário é o espaço em que o leitor pode usufruir da sua plena liberdade, é o lugar onde o leitor é capaz de conseguir um conjunto mais amplo de informações, por ter características que podem levá-lo para o mundo da imaginação, fazendo-o experimentar aventuras que ele jamais conseguirá vivenciar no mundo real. De acordo com as OCEM (BRASIL, 2008, p. 49):

[...] o discurso literário decorre, diferentemente dos outros, de um modo de construção que vai além das elaborações linguísticas usuais, porque de todos os modos discursivos é o menos pragmático, o que menos visa a aplicações práticas. Uma de suas marcas é sua condição limítrofe, que outros denominam transgressão, que garante ao participante do jogo da leitura literária o exercício da liberdade, e que pode levar a limites extremos as possibilidades da língua [...].

É um tipo de leitura que permite ao leitor acessar todas as camadas do texto, da interior a exterior, sua escrita não se apresenta bem delineada, cabe ao leitor saber reconhecer e perceber todo o seu universo simbólico, para saber preencher todos os vazios do texto.

A literatura busca desvendar o texto literário indo bem além do que está escrito na página. É uma experiência única realizada por cada sujeito,



através do seu repertório, para assim chegar à outra margem, não a do texto ao adentrar na obra, mas a terceira, criada pela interação entre as vivências do interlocutor com o mundo proposto pelo universo ficcional. (RAMOS, 2004, p. 107).

Assim, o significado de um texto literário também é constituído a partir das experiências de outras leituras, do “conhecimento de mundo” do leitor, envolve tanto um exercício reflexivo, como analítico, em que cada parte constitui um sentido.

## 2.1 Análise dos livros didáticos

Nesta parte do trabalho apresentamos uma análise comparativa realizada entre dois livros didáticos de Língua Portuguesa – especificamente da parte destinada ao ensino de literatura, no tocante ao conteúdo “Primeira fase Modernista no Brasil” - em que observamos como cada um propõe o estudo da literatura.

O primeiro manual, *Português: língua, literatura e produção de texto*<sup>2</sup> de Ernani Terra e José de Nicola (2003) do 3º ano do Ensino Médio, está dividido em três partes: Produção de texto, língua e literatura, ressalta logo na apresentação as várias linguagens, os vários tipos de textos verbais e não verbais que serão encontrados no livro e a importância da participação dos alunos na construção de seus próprios textos, no entanto, os autores não tecem nenhum comentário sobre literatura.

No início da apresentação os autores citam dois trechos sobre a linguagem, sendo eles: “A linguagem verbal é um dos meios que o homem possui para representar, organizar e transmitir de forma específica o pensamento”. (PCNs, *apud* LD<sup>1</sup>, 2003, s. p.) “A linguagem existe apenas como comunicação e enquanto transmitida, e são as condições desta comunicação e transmissão e suas implicações que devem ser esclarecidas”. (MARCONDES, *apud* LD<sup>2</sup>, 2003, s. p.). Logo em seguida os autores comentam.

Os dois trechos citados acima salientam características complementares da linguagem verbal: ela representa, organiza e transmite nosso pensamento; é, portanto, elemento fundamental para a comunicação, garantido a todos nós a interação, o contato com o “outro”. (LD<sup>1</sup>, 2003, s.p).

---

<sup>2</sup> Adotamos LD<sup>1</sup> quando nos referirmos ao Livro didático 1 e LD<sup>2</sup> quando nos referirmos ao Livro didático 2.

Os autores informam na apresentação que a linguagem é elemento “fundamental para a comunicação”, sobre a importância da interação, do “contato com o outro”. Mas, ao analisarmos a primeira atividade sobre os poemas “Ode ao Burguês” de Mário de Andrade e “Pensão Familiar” de Manuel Bandeira, não encontramos nenhuma questão em que os alunos possam expressar suas opiniões oralmente, que promovam uma interação entre a turma, o que também verificamos ao longo de quase todo o livro. São perguntas do tipo: “Comparando os dois textos: 1) Aponte uma característica formal comum. 2) Aponte um aspecto temático comum”. (LD<sup>1</sup>, 2003, p. 254).

Em relação ao segundo livro didático *Português: contexto, interlocução e sentido* de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara (2008) do 3º ano do Ensino Médio, também está dividido em três partes: Literatura, gramática e produção de texto. As autoras do LD<sup>2</sup> também destacam a importância da linguagem, porém ao contrário do LD<sup>1</sup> elas ressaltam o texto literário explicitando:

[...]. Por meio dos textos literários, somos transportados para outras realidades, entramos em contato com diferentes momentos da história humana, vivemos novas experiências estéticas e, no fim dessa jornada, conhecemos um pouco melhor a sociedade e as pessoas que contribuíram para dar ao mundo sua feição atual. (LD<sup>2</sup>, 2008, s.p).

Percebemos que as autoras concebem o texto literário como algo que possibilita ao leitor fazer uma viagem para ‘diferentes momentos da história humana’, que o permite compreender como a sociedade contribuiu para chegar ao momento atual. Entretanto, observamos que esta viagem não é através dos textos literários, mas sim por meio da descrição dos dados históricos e cronológicos do conteúdo programático. Conforme podemos verificar em:

Na economia, o mundo encaminhava-se para um colapso, concretizado com a quebra da bolsa de Nova York, em 1929. O Brasil, que dependia em grande parte das exportações de café, sofreu um duro golpe e teve de enfrentar um período de grande instabilidade econômica. (LD<sup>2</sup>, 2008, p. 71).

No início do capítulo “Modernismo no Brasil. Primeira geração: ousadia e inovação” encontramos nesse livro, uma pintura de Tarsila do Amaral “Cartão-postal” de 1929, e em seguida o seguinte questionário sobre a pintura.

No quadro Cartão-postal, Tarsila pintou imagens características do Rio de Janeiro. Que aspectos da natureza ela escolheu?  
A paisagem pintada por Tarsila do Amaral é uma representação estilizada do Rio de Janeiro, com o Pão de açúcar ocupando o centro da tela. Que relação a artista estabelece entre o título da obra, o cenário escolhido e a forma como foi representado? (LD<sup>2</sup>, 2008, p. 69).

As autoras utilizam a imagem para que o aluno possa analisá-la, percebendo a intertextualidade entre a pintura de Tarsila do Amaral e a paisagem do Rio de Janeiro. Desta maneira elas enfatizam a literatura, destacando as noções de intertextualidade, interdisciplinaridade, transversalidade e intersemiose, que são abordagens fundamentais para que o aluno tenha uma compreensão mais crítica ao analisar um texto, uma pintura, uma música ou uma fotografia.

Logo após a atividade com os poemas já citados, no LD<sup>1</sup> encontramos alguns dados sobre o Modernismo.

Manifestado especialmente pela arte, mas manchando também com violência os costumes sociais e políticos, o movimento modernista foi o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito nacional. A transformação do mundo, com o enfraquecimento gradativo dos grandes impérios, com a prática europeia de novas ideias [...]. ANDRADE, Mário de. Aspectos da literatura brasileira. 5. ed. São Paulo: Martins, 1974. (LD<sup>1</sup>, 2003, p. 254).

O LD<sup>2</sup> também aborda o Modernismo da mesma forma, no entanto, as autoras destacam a sua importância para a conscientização da identidade brasileira.

Menotti Del Picchia resumiu de modo objetivo o projeto literário da primeira geração modernista brasileira. Segundo ele, o grupo da Semana “não formulou um código: formulou uma consciência, um movimento libertador a integrar nosso pensamento e nossa arte na paisagem e no nosso espírito dentro da autêntica brasilidade”. Mais uma vez a busca pela identidade nacional voltava ao centro do projeto literário. (LD<sup>2</sup>, 2008, p. 74).

Em relação à historiografia no MD<sup>1</sup>, temos o seguinte:

No início do século XX, após os primeiros governantes militares da república, os senhores rurais retornaram ao poder, fortalecidos pela então vigorosa economia do café no eixo São Paulo - Minas gerais. Instituíram a “política dos governadores” (os governadores apoiavam o governo federal e este apoiava os governantes estaduais), beneficiavam as elites paulista e mineira, que se revezava no poder (a famosa política do café com leite perdurou até 1930). (LD<sup>1</sup>, 2003, p. 255).

Observamos que assim como o LD<sup>1</sup>, o LD<sup>2</sup> também veicula uma grande quantidade de textos com informações sobre os fatos históricos ocorridos durante a “Primeira Fase do Modernismo”. Conforme podemos perceber em:

No começo dos anos 1920, o exército brasileiro vivia uma situação desanimadora: o treinamento era insatisfatório, os armamentos eram antigos, os soldos eram baixos. Os tenentes estavam entre os mais insatisfeitos, pois eram muitos e as promoções podiam levar anos. Nada indicava que o governo do presidente Epitácio Pessoa iria mudar esse panorama. (LD<sup>2</sup>, 2008, p.71).

Entender a literatura apenas como matéria historiográfica permite ao aluno compreendê-la como algo isolado das demais disciplinas, não identificando sua relação com os diversos códigos, tais como: linguístico, ideológico, discursivo, estilístico entre outros.

A Semana de Arte Moderna é abordada pelo LD<sup>1</sup> apenas pela descrição de fatos, ou seja, como foi o movimento e quais os principais autores. O estudo não é proposto a partir das obras representativas do referido movimento.

O espetáculo de 13 de fevereiro foi aberto com a conferência de Graça Aranha, intitulada “Emoção Estética na Arte Moderna”, acompanhada da música de Ernani Braga e da poesia de Ronald de Carvalho e de Guilherme de Almeida. A conferência de Graça Aranha não chegou a causar espanto, ao contrário da música de Ernani Braga, que fazia uma sátira a Chopin – o que levaria a pianista Guiomar Novaes a protestar publicamente contra os organizadores da Semana. (LD<sup>1</sup>, 2003, p. 256).

No LD<sup>2</sup> a Semana de Arte Moderna também é descrita da mesma maneira, porém, veicula o poema “Os sapos” de Manuel Bandeira, um dos poemas apresentados em uma das noites do evento e o relato da reação das pessoas quando o poema foi recitado por Ronald de Carvalho. “A plateia o acompanhou com apupos e assobios, repetindo ruidosamente o refrão ‘Não foi! – ‘Foi!’ – ‘Não foi!’”. (LD<sup>2</sup>, 2008, p. 73).

No que diz respeito às características literárias, no LD<sup>1</sup> temos:

Ao mesmo tempo em que se buscava o moderno, o original e o polêmico, o nacionalismo se manifestava em suas múltiplas facetas: volta às origens, pesquisas de fontes quinhentistas, procura de uma “língua brasileira” (a língua falada pelo povo nas ruas), paródias – numa tentativa de repensar a história e a literatura brasileira – e valorização do índio verdadeiramente brasileiro. (LD<sup>1</sup>, 2003 p. 257).

Estes dados comprovam algumas reaclamações feitas pelos alunos em relação ao ensino de literatura, ou seja, um ensino que prioriza apenas os movimentos e características literárias, as obras e seus respectivos autores, abordagem esta que corresponde ao ensino de literatura desde a década de 50.

Já no LD<sup>2</sup> não há muita preocupação com a apresentação das características literárias do movimento. No entanto, como já comentamos anteriormente, há muitos dados históricos, políticos, entre outros.

No LD<sup>1</sup> há também algumas questões de múltipla escolha dos últimos vestibulares referentes ao ano em que o livro foi escrito, nas quais se privilegiam apenas as características do movimento literário, conforme podemos exemplificar com a seguinte questão:

- (UFV-MG) Assinale a alternativa em que há uma característica que não corresponde ao Modernismo em sua primeira fase (a de São Paulo, 1922).
  - a) Ruptura radical e audaciosa em relação às posições estéticas do passado, quebra total da rotina literária.
  - b) Caráter turbulento, polemista, de demolição de valores.
  - c) Exaltação exagerada de fatores como mocidade e tempo; o novo, nesta fase, foi erigido como um valor em si.
  - d) Movimento de inquietação e de insatisfação; os novos se lançaram à luta em nome da originalidade, da liberdade de pesquisa estética e do direito de “errar”.
  - e) Apesar de toda a radicalidade do grupo, é unânime a preocupação dos modernistas com o purista da linguagem. (LD<sup>1</sup>, 2003, p. 269).

Percebemos que para responder a questão o aluno precisará apenas ter memorizado as características do movimento literário ou simplesmente consultar o livro.

O biografismo é outro aspecto que também merece ser destacado, visto que é muito ressaltado pelos dois livros. Entretanto, no LD<sup>1</sup> o biografismo é abordado de maneira um pouco diferente, pois se ressaltam mais as obras do que os autores.

O caráter revolucionário da poesia de Mário de Andrade se manifesta a partir do livro *Paulicéia desvairada* que rompe com todas as estruturas ligadas ao passado. O livro tem como musa, ou melhor, como objeto de análise e constatação, a cidade de São Paulo e seu provincianismo, o rio Tietê. (LD<sup>1</sup>, 2003, p. 258)

Já o LD<sup>2</sup> destaca mais aspectos biográficos dos autores.

Anita Catarina Malfatti nasceu em São Paulo. O pai, italiano, era engenheiro e a mãe, norte-americana, pintora. Em 1910, foi para Berlim (Alemanha) estudar na Academia Real. Voltou ao Brasil em 1914, quando realizou sua

primeira exposição individual. Em seguida, foi estudar em Nova York (EUA). Lá, entrou em contato com estéticas cubista e expressionista, que marcaram sua obra, diferenciando-a dos padrões acadêmicos brasileiros da época. (LD<sup>2</sup>, 2008, p. 72).

Para os autores dos dois livros didáticos, conhecer os dados bibliográficos dos autores parece ser mais importante do que ler e interpretar os textos literários, visto que não há a preocupação com o caráter estético, conforme podemos exemplificar com as questões abaixo:

- Aponte uma passagem em que uma referência muito específica permite ao leitor identificar, no eu poético, o próprio autor. (LD<sup>1</sup>, p. 259)
- Destaque duas características modernistas presentes nos textos acima. (LD<sup>1</sup>, 2003 p. 262).

Percebemos a desvalorização do papel do aluno leitor na construção de seu próprio conhecimento, pois a literatura é vista como um objeto isolado, em que se privilegiam apenas os enfoques estruturais, formais e bibliográficos do texto.

Nesse sentido, há uma necessidade evidente de reavaliação das metodologias direcionadas ao ensino de literatura, visando à busca de alternativas didáticas de ensino aprendizagem capazes de motivar os alunos à leitura por prazer. (MARTINS, 2006, p. 91).

Em relação à fragmentação de textos literários, podemos afirmar que consiste em um aspecto que encontramos nos dois livros, o que comprova que os fragmentos ainda continuam sendo utilizados. No LD<sup>1</sup> um dos fragmentos encontrados é do conto “Gaetaninho” de Antonio Alcântara Machado.

Gaetaninho ficou banzando bem no meio da rua. O Ford quase o derrubou e ele não viu o Ford. O carroceiro disse um palavrão e ele não ouviu o palavrão.  
- Eh! Gaetaninho! Vem pra dentro.  
Grito materno sim: até filho surdo escuta. Virou o rosto tão feio de sardento, viu a mãe e viu o chinelo. (MD<sup>1</sup>, 2003, p. 265).

Já no LD<sup>2</sup> um dos fragmentos encontrados é do romance “Amar, verbo intransitivo” de Mário de Andrade.

[...]  
Quando Carlos nasceu batizaram-no, pois não. As meninas iam nas missas de domingo, se era manhã de sol, o passeio até bem... Com nove anos mais ou menos recebiam a primeira comunhão. Dona Laura mandava lhes o catecismo por uma parenta pobre, muito religiosa, coitada! Catequista em Santa Cecília. Dona Laura usava uma cruz de brilhantes que o marido dera

para ela no primeiro aniversário de casamento. Era uma família católica. [...]. (LD<sup>2</sup>, 2003, p. 83).

Magda Soares denomina estes fragmentos de textos de “[...] pseudotextos, em que um ou alguns ciclos da sequência narrativa são apresentados, faltando aqueles que os precedem ou os seguem”. (SOARES, *apud* PASSOS, 2004, p. 57). Ainda conforme Soares isso contribui para que o aluno produza textos sem sentido, pois é isso que ele está acostumado a ler na escola, textos fragmentados, o que constrói no educando um conceito inadequado de texto.

Em relação à poesia, nos dois livros didáticos, observamos que o texto poético, na maioria das vezes, serve também como suporte para o estudo dos dados históricos e políticos, as características do movimento, a vida dos autores ou para reprodução de informações que já estão explícitas no texto. Como podemos perceber através das questões referentes aos poemas: “Pronominais”, “Vício da fala”, “O Gramático”, “Amor” todos de Oswald de Andrade. “Destaque duas características modernistas presentes nos textos acima. Qual a Posição de Oswald de Andrade em relação à língua portuguesa”. (LD<sup>1</sup>, 2003, p. 262).

No LD<sup>2</sup>, um dos poemas veiculados pelo manual é “Brasil” de Ronald de Carvalho. As questões referentes ao poema são:

- De quem são as conversas a que o eu lírico se refere? Onde elas acontecem?
- a) Os locais das conversas mostram as atividades econômicas importantes para o país. Quais são essas atividades?
- b) O que as atividades demonstram em relação ao aspecto econômico do país? (MD<sup>2</sup>, 2008, p.70).

As questões propõem uma interpretação relacionando o tema do poema ao contexto histórico em que ele foi escrito, período das grandes transformações econômicas do Brasil, no caso a chegada dos imigrantes. Mas, elas são pouco desafiadoras, não exigem do leitor estratégias de antecipação e comparação, não aguçam a curiosidade do leitor, destacam apenas os dados históricos.

Constatamos que após quase todos os textos literários abordados pelos dois livros didáticos, há sempre um questionário. A visão dos autores em relação aos alunos é que para eles compreenderem um texto, precisarão responder a um questionário, o que concebe para a maioria dos alunos um entendimento de que

conseguindo responder as questões eles interpretaram todo o texto, e que após toda leitura ele terá que responder a um questionário.

No que diz respeito aos demais capítulos destinados ao ensino de literatura, o LD<sup>1</sup> é composto por dez capítulos e o LD<sup>2</sup> por oito, sendo que todos eles são semelhantes aos analisados.

Portanto, de um modo geral, com pequenas diferenças percebemos que os dois livros didáticos ainda adotam o mesmo modelo para o ensino de literatura; modelo clássico, em que a literatura é percebida como matéria historiográfica, com estudo do texto literário através de fragmentos, em que a prioridade recorrente é a vida do autor ou as escolas literárias.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura é uma das disciplinas essenciais para desenvolver as principais habilidades cognitivas para ler, interpretar, compreender, sendo ela indispensável na formação ética e cultural da vida do educando, pois o discurso literário é o menos pragmático, o que menos visa a conteúdos práticos, que permite tanto para o professor como para o aluno possibilidades de conhecer outras leituras, de dialogar com outras realidades, de transgredir para o universo ficcional, e isso só é possível quando o ensino de literatura é a partir do texto literário.

Enquanto os textos informativos podem limitar-se apenas a aspectos particulares, o discurso literário não se vale apenas da imitação genética da vida, mas sim de uma imitação que vai além do particular, representando um pensar do ser humano, o seu interior.

O estudo da literatura deve estar centrado no texto literário, na leitura, pois através dela o aluno desenvolve a sua percepção crítica, sendo ele capaz de analisar como o discurso foi organizado, estabelecer relações com outras informações, conseguindo compreendê-lo. Para isso é necessário que o professor esteja consciente do seu papel neste processo, posicionando-se em relação ao manual didático, procurar alternativas que não seja sempre o livro didático o único recurso utilizado e conscientizar os alunos de que a literatura também pode fazê-los refletir sobre os problemas sociais.

Porém, observamos que ao longo deste estudo que a literatura passa por um processo de escolarização, sendo alvo de muitas discussões acerca de como abordá-la em sala de aula, porém para estes problemas serem solucionados, é preciso que eles sejam repensados e novos objetivos sejam redefinidos para o ensino de literatura, sendo necessário repensar tanto a prática do professor em sala de aula quanto à forma como os livros didáticos estão estruturados no tocante ao ensino de literatura.

Diante do exposto, fica evidente que apesar das mudanças que já foram realizadas, os livros didáticos ainda não apresentam diferenças significativas, pois a literatura ainda é apresentada como algo estanque, com atividades pouco desafiadoras e distantes da realidade dos alunos, visto que continuam se pautando em aspectos historiográficos, biográficos, topográficos, tomando o texto literário

como pretexto para estudos gramaticais, exercícios de memória, etc., enfim para o estudo de tudo, menos de literatura enquanto arte da palavra.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ABAURRE, ABAURRE, PONTARA. **Português**. Contexto, interlocução e sentido. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2008.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Graça. **Literatura**: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. O ensino de língua portuguesa e contextos teóricos metodológicos. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; Dionísio, Angela Paiva. **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2005.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o ensino médio**: Linguagem, códigos e suas tecnologias. Brasília, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Secretária da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino médio: Língua Portuguesa... Brasília, 2001.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades Cortez, 1995.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de Literatura**: uma proposta dialógica para o trabalho com a literatura. São Paulo: Atual, 2005.

CHIAPPINI, Lígia. **Reinvenção da Catedral**: língua, literatura, comunicação: novas tecnologias e políticas de ensino. São Paulo: Cortez, 2005.

LEAHY, Cyana *et al.* In: PAULINO, Graça & COSSON, Rildo (Orgs.). **Leitura literária: a mediação escolar**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

MARTINS, Ivanda. In: BUZEN, Clécio, MENDOÇA, Márcia. (Org.). **Português no ensino médio**: formação do professor. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

NICOLA, José; TERRA, Ernani. **Português**: língua, literatura e produção de texto. 1. ed. São Paulo: Scipione, 2003.

OSAKABE, Haqira *et al.* In: GERALDI, José Wandelely. **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

